
A imagem da mulher atleta com deficiência nas fotografias do jornal

*O Estado de S.Paulo*¹

Neide Maria CARLOS²
José Carlos MARQUES³
Unesp, Bauru, SP

RESUMO

O presente trabalho investiga os sentidos implicados no discurso imagético sobre a mulher atleta com deficiência através do jornal *O Estado de S.Paulo* na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Investiga-se o impacto das imagens na constituição dos imaginários a respeito dos feitos das mulheres paratletas. A partir de uma perspectiva semiolinguística proposta por Patrick Charadeudeau se questiona o que se fala e como se fala sobre a participação feminina nas competições.

PALAVRAS-CHAVE: esporte; gênero e mulher; paralimpíadas; fotografia; jornalismo

INTRODUÇÃO

Os Jogos Paralímpicos do Rio foram realizados entre os dias 07 e 18 de setembro de 2016. Segundo dados do Comitê Paralímpico Brasileiro, estiveram presentes nos jogos 159 países representados por 4.328 atletas. Desse total, competiram 1.671 atletas femininas, ou seja, 38,6% dos competidores eram mulheres. Ainda que inferior ao número de atletas masculinos, esses números representam a maior participação feminina em Jogos Paralímpicos, considerando os dados fornecidos pelo Comitê Paralímpico Internacional, que constam desde 1984.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus de Bauru). Jornalista graduada pela Universidade do Sagrado Coração (USC-Bauru), e-mail: neidejornal@hotmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp/campus de Bauru). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), e-mail: zeca.marques@uol.com.br

A partir da cobertura do jornal *O Estado de S.Paulo*, pretendemos verificar como foi descrita, retratada e destacada a participação feminina nas Paralimpíadas Rio 2016. Investiga-se as formas como o discurso imagético constrói opiniões a respeito da participação das mulheres no paredesporto. Além disso, verificamos qual o espaço midiático para os feitos femininos no esporte paralímpico.

Para tanto, discute-se as formas como a imprensa – considerando o exemplo do jornal *O Estado de S.Paulo* - representou as mulheres atletas com deficiência no espaço do esporte durante os eventos do Rio. Interessa-nos, portanto, investigar como a mídia impressa direciona a construção de uma opinião a respeito dessas mulheres paratletas com suas formas de produção de sentido e, no caso, através da linguagem fotográfica. Assim, reafirmamos que a fotografia se configura como um dos recursos sobre os quais se constroem os discursos da imprensa.

A partir de uma perspectiva semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau, propõe-se adentrar aos discursos jornalísticos tendo as imagens como ponto central das formas como estão construídos os sentidos sobre a participação feminina nos Jogos do Rio. Considera-se que a realidade social se impõe sobre as formas de participação das mulheres em sociedade, portanto, também sobre sua inclusão no ambiente do esporte. Relações sociais influenciam os discursos compartilhando valores, reforçando estereótipos e ecoando formas de tratamento aos gêneros.

A proposta de estudo e análise de fotografias de imprensa coloca em jogo a questão do papel e do uso das imagens. Para tanto, os conceitos sobre fotografia ajudam a desvendar as tramas do discurso imagético. Casadei (2011) nos propõe a constituição de categorias que permitam uma análise de conteúdo das imagens fotojornalísticas.

Autores que debatem sobre sociologia do corpo, corpo e comunicação e questões de gênero ajudam a confrontar as imagens com o contexto de construção dos discursos. Como destaca Van Dijk em sua obra *Contexto e Discurso: uma abordagem sociocognitiva* (2017, p. 21): “a contextualização é um componente fundamental de nosso entendimento da conduta humana, em geral, e da literatura e outros textos e discursos, em particular”.

“Todo ato de linguagem é um agir sobre o outro”, defende Charaudeau (2006, p. 253) em *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. O ato de linguagem sempre emana de um sujeito que, ao mesmo tempo, também se define pela sua relação com o outro. São sujeitos com um propósito de influência. Essa relação é regulada para

que não ocorra um confronto. A ação é conduzida por princípios de alteridade, influência e regulação. As relações humanas são estabelecidas por relações de força. Os processos de regulação dessas forças ocorrem através da linguagem como formas de minimizar os conflitos.

Há tensões que envolvem as questões sobre o corpo com deficiência. O corpo, primeiro instrumento humano, é também uma forma de comunicação. O corpo imprime sobre a imagem suas formas de comunicar. A materialidade corporal ocupa um lugar no mundo, o corpo enquanto imagem é uma expressão discursiva que comunica por essência. Através de suas características, seus gestos, suas expressões, seus movimentos, é capaz de contar histórias. A linguagem, em suas diversas formas, é a próprio meio de se estabelecer relações e mediar forças, como nos coloca Charaudeau (2006).

O Comitê Paralímpico Brasileiro, reconhecendo a necessidade de aproximar o profissional da imprensa das formas de competição PCD e as dificuldades dos jornalistas em lidar com corpos com deficiência, disponibilizou o *Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016*. Através do *Guia* (2016), entre outras recomendações, o CPB trouxe sugestões sobre as formas de se retratar os/as atletas. Pappous e Souza (2016), autores do *Guia* descreveram os tipos de imagens a serem evitadas: poses que conotem passividade, que enfatizem e foquem a deficiência, recortes que possam intencionalmente esconder a deficiência, imagens de isolamento dos atletas e que conotem angústia ou tristeza e fotos que ressaltem falhas ou quedas.

Portanto, deve-se selecionar fotos que mostram os atletas em ação dentro do campo de competição. Ao mesmo tempo em que não se deve focar suas deficiências, também não se deve escondê-las. Os Jogos Paralímpicos se constituem em uma oportunidade única para mostrar as habilidades e a competitividade dos atletas. Lembre-se que os atletas – e não as suas deficiências – devem ser o foco central das imagens! (PAPPOUS e SOUZA, 2016, p. 6)

Em *O corpo como sintoma da cultura*, Lucia Santaella (2004, p. 147) aponta que “o corpo humano, nos diz a psicanálise, é um corpo pulsional, ao mesmo tempo que é um corpo imaginário e também um corpo simbólico”. O Eu não nasceria pronto, ele se desenvolveria através do tempo, demarcado pela percepção de si mesmo e do outro. Segundo Santaella (2004, p. 151), “no simbólico, o corpo é aparelhado pela linguagem”.

Nesse sentido, as sociedades criam os sistemas de significados que poderão definir os comportamentos, moldar os corpos e estabelecer também as formas de relações entre

os gêneros. Como nos coloca Joan Scott (2019), para buscar entender como se apreende, desde a infância, certos sistemas de significados sobre os gêneros é preciso se atentar para a linguagem e suas formas de representação. “A linguagem é a chave de acesso da criança à ordem simbólica”, destaca Scott (2019, p. 61).

Dessa forma, questiona-se como se fixariam, então, alguns valores a respeito dos gêneros. Para Scott (2019, p. 61), é preciso atentar para as formas de representação dos gêneros que resultam em maneiras de “articular regras de relações sociais”. Assim, se construiriam as experiências através dos sentidos que circulam socialmente. “Sem o sentido, não há experiência; e sem o processo de significação, não há sentido” (SCOTT, 2019, p. 61).

Mulher e Sociedade

Segundo a historiadora Michelle Perrot (2013), as sociedades, ao longo da história, estiveram recortadas por variantes e categorias ligadas a sexo, raça, idade, etnia etc. Fatores que tecem relações complexas compondo tramas que vem sendo investigadas sob diferentes perspectivas por movimentos como o feminismo. Para este trabalho, se enfatiza como os valores implicados nessas relações se refletem nas formas de participação dos gêneros em sociedade. No caso, como podem influenciar nas formas de inserção da mulher no paradesporto, considerando o esporte também como um espaço de participação social.

Refletir sobre a presença da mulher no esporte e sobre a forma como ela é retratada através dos discursos midiáticos implica em debater sobre a visibilidade feminina em diferentes espaços sociais. Existem fatores que podem ser observados através dos discursos do jornalismo esportivo e que refletem as formas de inserção da mulher no meio social. Questões como estereótipos sobre o corpo feminino, a beleza, a maternidade, a sexualidade, o matrimônio, os laços familiares.

Sob o ponto de vista de algumas análises historiográficas, há tempos a divisão do trabalho entre homens e mulheres faz parte das formas de organização humana. Estas divisões frequentemente orientaram a mulher para a vida privada, do cultivo doméstico, dos cuidados com o lar e com a prole. Causas sociais, razões educativas e a ideia de inferioridade biológica permeiam a história da participação feminina em diferentes contextos sociais. Há uma herança de valores que se transmite de geração a geração de forma a determinar o lugar da mulher, limitando suas possibilidades de atuação.

Gerda Lerner (2019, p. 29) nos coloca que “as mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria”. Mulheres estiveram historicamente submetidas ao anonimato da vida privada. E, ainda que marginalizadas e apartadas dos processos que atribuem significação ao mundo social, a própria condição das mulheres fomentou a luta feminina para promover mudanças nesse contexto.

Em *A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*, Gerda Lerner (2019) reafirma a exclusão das mulheres nos processos históricos. Para Lerner (2019, p. 29), homens e mulheres sofreram igualmente a exclusão por questões de classe, “mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido”. Para Michele Perrot (2013), as mulheres estiveram submetidas a divisões de função e trabalho que as mantiveram associadas a vida privada. O avanço da participação da mulher na vida pública é conquistado através das formas de luta feminista.

Michelle Perrot (2013) questiona como seria possível quebrar estereótipos que envolvem os discursos sobre o feminino. As imagens contribuem na construção desses pensamentos, ao mesmo tempo em que podem auxiliar no sentido de reforçar consensos. Segundo David Le Breton (2007, p. 68), “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos”.

Imagem e Discurso

A análise da imagem fotográfica exige a investigação dos planos mais internos de sua construção. Buscamos identificar as tramas dentro da imagem, “a gramática propriamente imagética”, como debatido por Casadei (2015). Seriam, então, as possíveis categorias a serem criadas para análise das fotografias através de seus elementos de composição. Dentre estes pontos a serem pensados e investigados estão: os elementos incluídos na composição; o recorte em si; a organização e hierarquização dos elementos dentro do quadro; a qual objeto de pesquisa está subordinado o *corpus*; quais perguntas se pretende responder; qual posição a imagem ocupa dentro do contexto do enunciado.

Além dos elementos internos, é necessário se observar o extraquadro. O fotógrafo fala de um lugar privilegiado, faz uso de ferramentas de comunicação, participa das etapas de produção, formulação e circulação dos discursos, consequentemente, de representações da nossa cultura. Está inserido no contexto da cultura sobre a qual ele fala,

seu próprio lugar de apreensão de significações sociais. Portanto, o olhar do fotógrafo de imprensa também se direciona influenciado pelo contexto social.

“Se na fotografia há tensões que empurram as imagens para fora dos enquadramentos, propondo sobre significados ocultos e não intencionais, há também formalizações deformadoras, que se expressam em imagens que resultam de relações de poder”, como nos coloca Martins (2008, p. 152). Assim, pode a imagem estar sob efeito de formas de “dominação social e política” (MARTINS, 2008, p. 152).

Para Charaudeau (2001, p. 24), a linguagem corresponderia a “um certo código semiolinguístico”, formulado a partir de um “conjunto estruturado de signos formais”. O autor afirma que há, por exemplo, a linguagem do gesto que corresponderia a um código gestual ou um código icônico, como na linguagem da imagem. Lidamos, portanto, com o peso do corpo na comunicação que, para Le Breton (2009), corresponde a toda uma linguagem corporal, presente através dos gestos, posturas, expressões etc. O discurso pode, segundo Charaudeau (2001), dispor de vários códigos semiológicos, não se limitando ao campo das manifestações dos códigos verbais.

Discursos seriam, então, a materialização da encenação do ato de linguagem, fruto de um processo que envolve um sujeito falante em determinadas condições de produção. Dessa forma, não seriam totalmente independentes, visto que são atravessados por outros discursos, compostos pela necessidade de expressão de diferentes gêneros discursivos.

O estudo do discurso como proposto por Charaudeau seria de natureza semiolinguística. A semiosis trabalha com o reconhecimento de que “a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional” (Charaudeau, 2005, p. 11).

Análise das Notícias e das Imagens

Baranda Andújar (2013, p. 130) propõe três questionamentos que retomamos aqui: “¿Cuándo y cómo las mujeres se vuelven noticia? ¿Hasta qué punto las informaciones fomentan las desigualdades entre mujeres y hombres? ¿Los estereotipos femeninos y masculinos se ven reforzados o desafiados en las informaciones?” Outras questões levantadas por Andújar (2013, p. 130) e que adaptamos aos nossos questionamentos: as mulheres são centrais nas matérias?; os textos mencionam a questão da igualdade ou

desigualdade de gênero em algum ponto? A seguir, destacamos alguns tópicos a serem considerados para a nossa análise do documento imagético.

Destacam-se como critérios de observação e análise três características dos elementos do discurso propostas por Charaudeau (2015) em termos de organização e hierarquização das notícias: visibilidade, legibilidade e inteligibilidade. “A exigência de visibilidade obriga a imprensa a compor as páginas de seu jornal de maneira que as notícias possam ser facilmente encontradas e apreendidas pelo leitor”, descreve Charaudeau (2015, p. 233). Estão incluídos nesse ponto: os títulos, subtítulos, *leads*; a paginação com fotos, desenhos, gráficos, tabelas, ou em qual página está localizada a notícia. Já a legibilidade seria a exposição clara dos acontecimentos, tem a ver com a visibilidade, mas também com a forma dos elementos, no modo de escritura e apresentação das notícias. Já o critério de inteligibilidade estaria no esclarecimento do como e do porquê das notícias, está também relacionado aos outros elementos.

A partir do exposto, serão tomados os seguintes critérios para a verificação das notícias nas formas como estão construídos os discursos: a localização da notícia (capa, página interna, página de caderno especial); quem são os protagonistas da matéria; quem são os protagonistas da imagem; se há menção aos nomes dos protagonistas da imagem, se eles estão identificados; qual esporte está sendo retratado e de que forma; o espaço ocupado pelas imagens.

Quanto às formas de construção das imagens, serão observados os dados fornecidos pela composição: a qualidade da luz, sua posição, a intensidade da iluminação no uso de sombras, silhuetas, contornos, reflexos, texturas; como atuam os personagens nas imagens, ações individuais e interação; as cores presentes no recorte; os elementos destacados pela luz e pelo foco; os cortes na imagem executados pela edição.

Ainda para os efeitos de sentido implicados nas fotografias, deve-se verificar: a expressão dos corpos nas imagens: os gestos, as expressões nos rostos, o foco em quais partes do corpo; o quanto o cenário da imagem é representativo para o esporte retratado; se, e de que forma, a fotografia reforça algum tipo de estereótipo sobre o corpo feminino. Por fim, se considera um dos critérios propostos por Baranda Andújar (2013, p. 132): verificar se a fotografia “desafia ou reforça” os estereótipos sobre a mulher e o homem.

Discussões a partir das edições do Jornal *O Estado de S.Paulo*

O jornal *O Estado de S.Paulo*, no período de 7/9 a 19/9/2016, trouxe 55 páginas de Esportes. Desse total, 28 páginas fizeram alguma menção aos Jogos Paralímpicos do Rio. Foram 43 matérias que trataram das Paralimpíadas de alguma forma. Desse total, apenas 6 matérias eram sobre as mulheres paralímpicas, apresentaram a atleta feminina como personagem central. Já sobre as fotografias, de um total de 73 imagens, 13 fotos trouxeram atletas mulheres.

Das 13 edições que correspondem ao período verificado, 8 edições apresentaram chamadas com imagens sobre os Jogos Paralímpicos em suas capas. Desse total, apenas 3 primeiras páginas trouxeram fotografias de mulheres paratletas. É possível observar que houve um destaque do jornal para assuntos relacionados ao quadro político daquele período. Investigações sobre corrupção disputaram espaço nas chamadas de capa com os eventos esportivos. Os conflitos políticos, as eleições e as investigações contra políticos receberam maior destaque se comparados aos temas das competições paralímpicas.

As páginas de esportes do *Estadão* tiveram maior cobertura a respeito dos eventos do futebol, Campeonato Brasileiro e Eliminatórias da Copa. O futebol é o esporte que ocupa o maior número de páginas, ainda assim, encontramos notícias sobre tênis e outras categorias que aparecem em menor espaço nas páginas do jornal. Feita essa primeira leitura, para o recorte do nosso *corpus*, foram considerados os enunciados que apresentam fotografias de mulheres paratletas.

Assim, foram definidas 13 páginas do *Estadão* para compor o *corpus* para análise. A seguir, as páginas que foram analisadas.



Das 43 reportagens a respeito dos Jogos Paralímpicos do Rio, 05 matérias têm nas mulheres paratletas como personagens centrais, como demonstrado a seguir.



Figura 1. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página D6, Edição de 12 de setembro de 2016.

o impede medalhas de Verônica

AS MEDALHAS DO BRASIL

Prata
Marcelo - David Dini, André Brasil, Bales Silva e Felipe Balthazar
 Revezamento 4 x 100m livre - 34 pontos

Marcelo - Carlos Fuschini
 50m livre - S13

Adriano - Thales Vieira Simplicio da Silva, Alvaro de Oliveira Cordeiro, Lucas Santos Spinosa e Tereza Galvão
 Revezamento 4 x 100m - T11-13

Bronze
Cláudia de carvalho - Luana Chaves Contrarrelógio - C5
Adriano - Verônica Apolinário da Silva
 400m - T38

Figura 3. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A22, Edição de 15 de setembro de 2016



Figura 2. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A22, Edição de 15 de setembro de 2016

100 medalhas de ouro

Iraniana Zahra conhece xará de 7 anos no Rio

CONQUISTAS

2 medalhas de ouro

Figura 4. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A22, Edição de 16 de setembro de 2016.



Figura 5. Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A23, Edição de 17 de setembro de 2016.

A página D6 do *O Estado de S. Paulo* (Figura 1), Edição de 12/09/2016 apresenta uma matéria sobre a atleta belga Marieke Vervoort. Nas questões de visibilidade e legibilidade a imagem da atleta Vervoort está em destaque na página. A legenda que acompanha a imagem diz: “Último ato no Rio: Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos”. O título fala em eutanásia: “Após o Rio, belga viverá dilema da eutanásia”.

Aqui, o que se reafirma sobre o corpo com deficiência é a fragilidade sobre o êxito, a história de uma mulher atleta contada de forma sensacionalista através de uma narrativa dramática que ocupa mais de 50% do espaço de edição da página de esportes, enquanto o êxito de outra atleta, a norte-americana Tatyana McFadden, ouro no atletismo, recebe

um pequeno espaço no topo da página. Já no caso de Vervoot, o plano de tomada enfatiza mais a cadeira de rodas do que a medalha, Ainda assim, a imagem da atleta é positiva nos seus gestos e expressões, nas características da iluminação, nos elementos incluídos no quadro, como o ambiente do evento.

O texto que descreve a história de Marieke Vervoort evidencia as doenças que acometem a atleta. Sofrimento, choro, eutanásia são descritos como parte da vida da belga. A questão do esporte é só o pano de fundo. O sentido do sofrimento penetra na imagem através do discurso verbal, embora a imagem resista a uma ideia de vitimização da atleta.

A edição de 15/09/2016 traz na página A22 (figura 2) a foto de Debora Benevides, atleta da canoagem. O crédito na foto é de Tânia Rêgo da *Agência Brasil* e o texto assinado por Paulo Favero. O texto destaca o apelido da atleta como forma de tratamento: Indiazianha. A foto de Benevides aparece em destaque na parte superior da página. Mostra a atleta em ação, no cenário do esporte. O foco está na atleta que sorri e tem a parte direita do rosto mais iluminado. Tanto os traços da atleta que podem ser percebidos, como a faixa na cabeça, remetem à sua origem indígena. É uma imagem que cumpre bem as determinações do *Guia da Imprensa* (2016) do CPB, já que o cenário remete ao esporte e a atleta está em ação. Os braços da atleta compõem uma imagem de força. As luzes e o enquadramento mostram um corpo atlético.

Ainda assim, a matéria traz poucos dados sobre a trajetória da atleta no esporte. A maior parte do texto é composta por uma narrativa sobre a perda da mãe, a história de abandono da atleta pela família biológica, sua adoção por uma nova família, a má formação que a impede de mover parte dos membros inferiores. O esporte aparece como forma de inclusão. O quinto lugar conquistado pela atleta na paracanoagem é narrado como um início no esporte. A matéria também erra a data de nascimento da atleta, mas a idade aparece correta destacando a juventude da atleta, 21 anos na época.

A mesma página traz também uma fotografia de Verônica Hipólito (figura 3). A paratleta que conquistou o bronze nos 400 metros rasos T38 aparece ao centro da página em imagem recortada mostrando a medalha que conquistou com terceiro lugar. A expressão e os gestos de Hipólito são de alegria. Assinado por Constança Rezende, o texto também investe a sua maior parte para narrar as dificuldades que a atleta enfrenta com sua doença, mesmo destacando a fala de Verônica que diz: “Não quero ser vista como ‘coitadinha’. Na hora da corrida, não tem muito tempo para pensar em tumor”. A

fotografia fala em alegria e conquista, o texto dispensa mais tempo a reafirmar “a deficiência” e a sua doença.

Toda a página é dedicada a mulheres atletas. Quatro imagens destacam mulheres em situações ligadas ao esporte. As duas fotos mais abaixo são da atleta olímpica Simone Biles e da nadadora Etiene Medeiros. A matéria sobre Simone fala sobre a acusação de doping nas Olimpíadas do Rio. Já a matéria sobre Etiene traz dados sobre o seu desempenho para a conquista de uma vaga no Mundial de Natação. Temos, portanto, uma matéria que aborda de forma negativa a imagem de Biles e uma matéria positiva sobre os bons resultados da nadadora Etiene.

A página do *Estadão* é dedicada a mulheres do esporte que atuam em diferentes modalidades. Há uma representatividade de mulheres, mas se faz necessário pontuar quais os tipos de representação aparecem. As fotografias trazem imagens de inclusão, de êxito, remetem ao esporte e a atuação das atletas. Ainda assim, os textos fragilizam, vitimizam, colocam as mulheres sob suspeita quanto ao potencial de suas conquistas.

A fotografia na página A22 (figura 4) do *Estadão*, edição de 16 de setembro de 2016, traz a arqueira iraniana Zahra Nemati em uma imagem de ação. A fotografia registra e congela o momento em que a flecha é lançada. Capta também a expressão concentrada da atleta. Todo o aparato, o gesto, a vestimenta e o fundo verde destacam o esporte. O crédito na foto é de Fabio Motta do *Estadão*.

O olhar e a expressão facial da atleta são as características mais marcantes na fotografia. A imagem de meio corpo da atleta e o arco aparece como uma extensão de seu corpo. É através desse instrumento que Zahra ultrapassa seus limites e vence no esporte. Corpo e máquina são a extensão um do outro, o arco amplia a capacidade do corpo com o objetivo do jogo.

A figura 5 é um recorte da página A23 da edição de 17/09/2016 do jornal *O Estado de S. Paulo*. Trata-se de matéria editada na parte inferior da página do jornal e que retrata a atleta Silvânia Costa. O jornal traz acima uma matéria sobre um atleta masculino em maior destaque em termos de imagem e texto. “Um salto na história paralímpica” é o título da matéria sobre o alemão Markus Rehm, chamado no texto de voador do salto. Toda a matéria destaca aspectos do desempenho do atleta alemão. Gráficos, dados e imagens descrevem as capacidades de Rehm no salto, destacando o uso da prótese.

Já a matéria sobre a brasileira Silvânia traz o título “Amor à filha levou Silvânia Costa ao esporte”. A atleta foi medalha de ouro no salto em distância, categoria T11, para

atletas cegas. A fotografia destaca um momento do salto e a expressão fica entre força e dor. Trata-se de uma fotografia da ação congelada, com foco na figura de Silvânia, seguindo uma linguagem e um padrão de imagem do fotojornalismo esportivo normalmente dispensados a este tipo de modalidade. Os óculos da atleta sugerem a deficiência visual. O crédito da foto é de Fábio Motta, do *Estadão*.

O texto sobre Silvânia Costa é assinado por Constança Rezende e foca a narrativa na história de vida da atleta, na sua relação com a família. A todo momento retoma a ideia da maternidade e do cuidado com a filha: “divorciada e com filha para sustentar (...)”. O próprio desempenho de Costa é associado à sua condição de mulher. Neste caso, há um exemplo de representação através da vinculação aos valores familiares, que reafirmam os vínculos com a família e a prole. A narrativa transmite uma ideia de fragilidade onde o esporte é mais uma saída do que uma atividade profissional para a mulher. Os sentidos do esporte são deixados de lado, o foco está na questão da mulher cuidadora, mesmo com o ouro conquistado na sua modalidade.

Há três situações em que atletas femininas aparecem em imagens na capa do jornal *O Estado de S. Paulo*: a primeira, edição de 11/09/2016, a atleta Shirlene Coelho aparece em uma chamada de pouco destaque e que menciona a medalha de ouro conquistada pela atleta no dardo; o segundo exemplo, na edição de 17/09/2016, a fotografia recebe maior destaque, mas a mulher aparece na imagem de um beijo sem que a sua identidade seja esclarecida; no terceiro caso, as atletas campeãs da bocha Evani Calado e Evelyn Oliveira aparecem cercadas por torcedores brasileiros, num esforço do jornal em atestar a popularidade crescente dos jogos. A fotografia de Evani Calado e Evelyn Oliveira se repete nas páginas internas com maior destaque e em plano mais aberto. A imagem também é usada para repercutir o efeito dos jogos na audiência, repetindo a ideia de popularidade de atletas e dos jogos.

Em dois outros casos, em duas páginas na edição de 13/09, as mulheres paratletas são retratadas em equipes mistas e que foram medalhistas. A equipe chinesa da natação e equipe brasileira da Bocha. Nos dois casos as mulheres estão retratadas de forma que suas imagens se tornam pouco visíveis em relação a outras fotografias nas páginas. No caso chinês ainda há um título que coloca em suspeita o resultado conquistado. Já no caso da equipe de bocha brasileira, o destaque no título da página é dado ao atleta da natação Daniel Dias.

Também encontramos exemplos de fotografias de atletas femininas usadas de forma apenas ilustrativa. No primeiro caso, a atleta Marivana Oliveira do arremesso de peso aparece em imagem que ilustra o quadro de medalhas do dia. Seu gesto é de comemoração, mas sob a questão de visibilidade a fotografia é de pouco destaque para a imagem da atleta.

Já a maratonista Edneusa Dorta aparece na edição de 19/09/2016 num gesto de comemoração ao completar a prova e conquistar o bronze. O feito de Edneusa fica registrado através da imagem e da legenda, sem receber nenhuma menção no texto que acompanha. Nesse sentido, a foto é ilustrativa, sem que outra informação seja acrescentada por dados textuais.

Resultados e Discussões

Trabalhar sobre a proposta de verificar os discursos que contam sobre a participação feminina no esporte paralímpico implica um esforço em várias frentes. A revisão de questões de gênero, discussões sobre as possibilidades de uso das imagens, o papel do fotojornalismo na constituição de imaginários sobre gênero e os corpos com deficiência. No presente trabalho, a verificação dessas questões a partir das narrativas do jornal *O Estado de S.Paulo* confirmaram alguns dos nossos pressupostos e reafirmam a importância do debate.

A impressão de que há uma sub-representação das mulheres no esporte se confirma em números e nas formas dos discursos que analisamos. Mulheres não estão em menor número apenas na participação nos jogos, mas também nas narrativas que retratam as competições.

Em alguns casos, imagem e texto são contraditórios. Enquanto as imagens conotam ação, alegria, comemoração ou ação, os textos falam em dificuldades por condições físicas ou familiares. Os textos provocam a imagem de fragilização das mulheres atletas, ainda que as imagens falem de êxito ou ação no esporte. Assim, reforçam estereótipos de gênero no sentido de invisibilidade da mulher enquanto atleta.

Mulheres ainda são retratadas com ênfase no seu papel familiar ou em imagens de vitimização. O esporte, nesses casos, é o pano de fundo ou o argumento inicial para se falar dessas mulheres. Em textos escritos por homens ou mulheres se repetem as mesmas formas de se referir aos feitos das atletas femininas.

Referências Bibliográficas

- ANDÚJAR, C. S. B.. **Mujeres y deporte en los medios de comunicación. Estudio de la prensa deportiva española (1979-2010)**. (Tese Doutorado). Universidad Camilo José Cela, 2013.
- CASADEI, E. B. Apontamentos metodológicos para análise de conteúdo em fotografias jornalísticas. In: CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**. São Paulo: Summus, 2011.
- CASADEI, E. B. **Podem as imagens estáticas contar histórias? Sintoma e temporalidade nas teorias da narrativa no fotojornalismo**. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 1. 2015. Brasília: UnB, 2015. p. 28-43.
- CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo. **Análise do Discurso: Fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE/UFMG, 2001.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.
- CHARAUDEAU, P. O discurso político. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. (Orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/ UFMG, 2006.
- DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2017.
- LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Tradução: Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- LERNER, G. **Acriação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Título original: Sociologie et anthropologie Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 11-45.
- MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SANTAELLA, Lucia. **O corpo como sintoma da cultura**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, v. 1, n. 2. São Paulo: ESPM, 2004. p. 139-157. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.